

Nota mostra a preocupação com pagamento

BUENOS AIRES — “A definição correta é que orientamos a formação de um clube de pagadores, preocupados em cumprir os compromissos, que conjuntamente buscam a melhor maneira de fazê-lo”, disse ao Estado um funcionário da Chancelaria da Argentina. Segundo a fonte, 50% da dívida externa do “Grupo dos Seis” — como seguramente se denominaria, com a incorporação da Venezuela — tem taxa flutuante.

A Argentina tem 85% de sua dívida com essa característica. Dessa maneira, os aumentos das taxas afetam a dívida diretamente e de forma grave. “Tratamos de obter um prazo de 20 a 23 anos para o refinanciamento global da dívida, composto da seguinte maneira: três anos de carência, cinco anos de graça e 12 a 15 anos de prazo para pagar.”

Durante o período de carência, os pagamentos e o acúmulo de juros seriam paralisados. Cada país tratará de desenvolver suas possibilidades econômicas nesse prazo e de aumentar suas reservas. No período de graça seriam pagos somente os juros, mas não o capital, e se elaboraria o calendário de pagamento da dívida. Por último, no período de pagamento efetivo, seriam efetuadas amortizações, com juros semelhantes ao custo médio pago pelos bancos para obterem seus fundos.

Esse programa dista fundamentalmente das melhores propostas feitas pelos credores, e se for adotado, produzirá reações negativas entre os banqueiros. Altas fontes argentinas consideram que, sem dúvida, o plano é realista e constitui um programa efetivo de pagamentos. “Todo cronograma que agrave esse plano se afasta da real capacidade de pagamento de nossos países”, conclui. (H.M.)